

CONTRIBUIÇÃO PARA A FONOLOGIA DO
DIALETO KAINGÂNG DE NONOAI

por

José Baltazar Teixeira

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Campinas
1988

Este exemplar é a redação final da tese defendida por José Baltazar Teixeira e aprovada pela comissão julgadora em 22/12/88

Prof. Dr. ARVON DALL'IGNA RODRIGUES
orientador

Resumo

Este trabalho é o estudo de alguns aspectos fonológicos do dialeto Sudoeste do Kaingãng falado no Posto Indígena de Nonoai, no Município de Nonoai, RS.

Foi usado o modelo analítico proposto por Pike (1947). As etapas do trabalho foram: a) descrição dos segmentos consonanais, examinando as relações existentes entre eles e fixando seu status fonológico; b) descrição dos segmentos vocálicos, também por meio da observação das relações entre eles, e fixação de sua condição fonológica; c) tratamento de três situações especiais não consideradas no quadro geral de estabelecimento dos fonemas (consoantes longas, vogais eco, oclusiva glotal).

Autor: José Baltazar Teixeira

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

SUMÁRIO

1. Introdução.
2. Segmentos consonantais.
 - 2.1. Distribuição complementar.
 - 2.2. Oposições fonológicas consonantais.
 - 2.3. Os fonemas.
3. Segmentos vocálicos.
 - 3.1. Flutuação.
 - 3.2. Distribuição complementar.
 - 3.3. Oposições fonológicas vocálicas.
 - 3.4. Fonemas vocálicos.
4. Situações especiais.
 - 4.1. Consoantes longas.
 - 4.2. Vogais eco.
 - 4.3. Oclusiva glotal.
5. Considerações finais.

1. Introdução

O Kaingãng é uma língua indígena falada no Sul do Brasil, do Estado de São Paulo ao do Rio Grande do Sul. Segundo U. Wieseemann (1971), distinguem-se cinco dialetos da língua: o de São Paulo, o do Paraná, o Central, o do Sudoeste e o do Sueste.

O objetivo do nosso trabalho seria o estudo de um dos dialetos falados no Rio Grande do Sul. A saber: ou o do Sudoeste ou o do Sueste. Este último é falado nos Postos Indígenas de Votoro, Ligeiro e Carreteiro, no Município de Tajejara, e no Posto Indígena Cacique Doble, no Município de Cacique Doble.

O do Sudoeste é falado no Posto Indígena de Nonoai, no Município de Nonoai, no Posto Indígena de Guarita, no Município de Tenente Portela, e no Posto Indígena Inhacorã, no Município de Santo Augusto.

A preferência pelo estudo de um desses dois dialetos decorre de dois fatores: a) a maior proximidade geográfica do nosso local de

trabalho que é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul; b) a inexistência de estudos lingüísticos específicos sobre aqueles dois dialetos.

Existem uma descrição sistemática da fonologia e da gramática do dialeto do Paraná feita por U. Wieseemann (1972), uma análise fonêmica do mesmo dialeto por Kindell (apud Wieseemann, 1972) e, ainda desse mesmo dialeto, um dicionário de autoria de Wieseemann (1971).

O dialeto de São Paulo foi estudado por Marita Porto Cavalcante do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas (Cavalcante, 1987).

A análise de um dos dialetos mais meridionais da língua Kaingãg contribuiria, certamente, para ampliar e, ao mesmo tempo, aprofundar o conhecimento dessa língua indígena de grande importância no Sul do Brasil.

Nossa escolha recaiu no dialeto Sudoeste falado, como já foi dito, no Posto Indígena de Nonoai, no Município de Nonoai.

Este trabalho teve duas fases distintas: o levantamento dos dados e sua análise. Para a primeira coleta dos dados tivemos como informante o monitor bilíngüe da escola local, Luis S. Emílio. Num segundo momento, trabalhamos com outro informante, também monitor bilíngüe da mesma escola, Setembrino P. Braga.

No que se refere à metodologia empregada, usamos o modelo analítico proposto por K.L. Pike (1947), por se tratar de uma língua não escrita, situação em que a análise distribucional é, indiscutível.

velmente, adequada.

O desenvolvimento da análise obedece às seguintes etapas: a) descrição dos segmentos consonantais, examinados as relações (complementação, oposição fonológica) existentes entre eles e fixando, conclusivamente, o seu status fonológico; b) descrição dos segmentos vocálicos, também por meio da observação das relações (flutuação, complementação e oposição fonológica) entre eles e, conseqüentemente, o estabelecimento da sua condição fonológica; c) tratamento de três situações especiais não consideradas no quadro geral de estabelecimento dos fonemas (consoantes longas, vogais eco, oclusiva glotal).

2. Segmentos Consonantais

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas orais					
surdas fortis	p	t		k	ʔ
surdas lenis	b	d	tʃ	g	
Oclusivas pré-nasais					
surdas lenis	mp	ng	ntʃ	ŋg	
sonoras	mb	nd	ntʃ	ŋg	
Oclusivas pós-nasais	bm	dn	ɲn	ɡŋ	
Oclusivas médio-nasais	bmb	dnd	ɲntʃ	ɡŋg	
Nasais	m	n	ɲ	ŋ	
Aproximante oral		r			
Aproximante nasal		ʀ			
Fricativas					
surdas	ɸ				h
sonoras	β				
Aproximadamente orais	w		y		
Aproximadamente nasais	ɰ		ɣ		

2.1. Distribuição complementar

Segmentos fonéticos consonantais que pertencem a um mesmo fonema por estarem em distribuição complementar:

O primeiro conjunto de segmentos consonantais que vamos apresentar em relação de complementaridade são a consoante fricativa bilabial sonora [β], a aproximante bilabial oral [w] e a aproximante bilabial nasal [w̃]. A fricativa bilabial sonora [β] é realizada diante de vogal oral alta:

[¹βidn] colocar

[ya¹βo] enquanto

A aproximante oral [w] é realizada diante de vogal oral não-alta:

[we] achar, ver

[we¹rə] cair

A aproximante nasal [w̃] ocorre diante de qualquer vogal nasal, não-alta ou alta:

[ʃin¹w̃t] bonito

[w̃əm¹be] história

Concluimos que os três segmentos [β], [w] e [w̃] estão em distribuição complementar e são, portanto, alofones de um mesmo fonema.

Analogamente ao que se dá com [w] e [w̃], também se encontram em distribuição complementar os segmentos aproximantes palatal oral [y] e palatal nasal [ỹ], por um lado, e alveolar oral [r] e alveolar nasal [ř], por outro lado.

Os membros orais de cada par ocorrem junto a vogais orais e os membros nasais junto a vogais nasais:

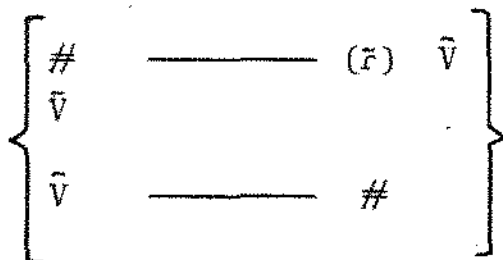
[y]		[ỹ]	
[¹ yogŋ]	pai	[ỹæn]	alimentar
[¹ oɔyɔ]	água	[maỹʒn]	cantar
[r]		[ř]	
[¹ were]	cara	[¹ ŋřřt]	crianças
[¹ lora]	depois	[¹ ŋʒřʒ]	milho
[ra ¹ re]	lutar	[¹ nũrũ]	dormir
[¹ krɔða]	beber	[krɪŋɔ ¹ křřřřt]	araguaí

Conclui-se que [y] e [ỹ] são alofones de um só fonema e que, semelhantemente, [r] e [ř] também são variantes de outro fonema.

Em ambos os casos, a variante nasalizada é produto da contigüidade de um segmento vocálico nasal.

Também se encontram em distribuição complementar os segmentos nasais simples (por exemplo [m] e os nasais complexos homorgânicos (por exemplo [mb], [bm], [m̥b], etc.), assim como os oclusivos orais lênis surdos (por exemplo, [b̥]), cuja relação de complementaridade pode ser vista na descrição que passamos a apresentar.

Os segmentos nasais simples [m], [n], [ɲ] e [ɳ] ocorrem nos seguintes contextos,



isto é, precedidos por pausa ou vogal nasal e seguidos de vogal nasal ou pausa, podendo ter o segmento [r̃] intercalado antes da vogal nasal seguinte.

Exemplos de # ——— (r̃) Ṽ:

- [mõn] deu à luz
- [mĩ] encontro (nome de pássaro)
- [¹m̃r̃ũr̃ũ] cipô
- [nĩ] sentar
- [nĩm] dar
- [nẽ¹nẽ] marimbondo
- [nẽp] matar pulga apertando
- [¹õĩr̃ĩr̃ĩ] meninos

[¹õs̃r̃õ] milho
 [õr̃ĩ] coque de cabelo
 [õr̃ẽ] doce

Exemplos de \bar{V} — r \bar{V} :

[ʔẽmĩ] pão
 [ku¹tẽmũ] vai cair
 [tõn¹tũnĩ] não amadureceu
 [nẽ¹nẽ] nenê
 [ʔĩp¹ʔĩy] areia
 [ʔãnĩo¹r̃õ] seu ouvido
 [r̃õo¹r̃õ] feijão

Exemplos de \bar{V} — #:

[nĩm] dar
 [yãn] alimentar
 [mõn] dar à luz
 [nẽn] mato
 [pĩn] cortar lenha
 [tõp] matar batendo
 [nũp] arar
 [mão] cachorro
 [ʔão] nós

Os segmentos pós-nasalizados [bm], [dn], [jp] e [gõ] ocorrem nos seguintes contextos.

$$\left\{ \begin{array}{l} V \text{ ————— } (\begin{array}{c} w \\ r \\ y \end{array}) \bar{V} \\ V \text{ ————— } \# \end{array} \right\}$$

isto é, entre vogal oral e vogal nasal ou pausa, podendo ter um segmento aproximante interposto diante da vogal nasal.

Exemplos de V ——— ($\begin{smallmatrix} w \\ r \\ y \end{smallmatrix}$) \tilde{V} :

[tɪ' bãŋ] o cachorro dele
 [kɛbmũ] diz
 [kaka' dnẽ] frutos
 [ʔodnɪ] está comendo
 [ʔagn' wẽ] eles - indicador de sujeito

Exemplos de V ——— #

[ˈwɔbm] cair no chão
 [ˈhɔdn] fazer
 [ˈwɛdn] mostrar
 [ˈndɛjɾ] cozinhar
 [ˈwɔhŋ] mexer
 [ˈyɔgn] pai
 [ʔagn] eles

Os segmentos oclusivos pré-nasalizados [mb], [nd], [nɟ] e [ŋg] ocorrem nos seguintes ambientes,

$$\left\{ \begin{array}{l} \# \\ \tilde{V} \end{array} \text{ ——— } \left(\begin{smallmatrix} w \\ r \\ y \end{smallmatrix} \right) V, \right\}$$

isto é, entre pausa e vogal oral ou entre vogal nasal e vogal oral podendo ter um segmento aproximante intercalado antes da vogal oral.

Exemplo de # ——— (c) V:

[mba]	carregar
[mbəhŋ]	crescer
[^l mbəyo]	boi
[mbru]	migalha
[mbro]	tomar banho
[mbre]	com
[ndəjɲ]	cozinhar
[ndo]	flecha
[ɲj ^l ɛpke]	bufar
[^l ɲjɔjɲ]	inchaço
[ɲj ^l uɔke]	beijar
[ɲj ^l ɬdn]	apagar chama
[ŋge]	também
[ŋga]	terra
[ŋg ^l ato]	gato
[ŋg ^l rudn]	gato-do-mato

Exemplos de \bar{V} ——— ($\begin{smallmatrix} w \\ r \\ y \end{smallmatrix}$) V:

[kš̄ymbar ^l nũřũ]	dormir cedo
[nēnēmămba]	trazer para o nenê
[kš̄oŋgrudn]	jaguaririca
[š̄oŋgrædn]	dançar

Os segmentos oclusivos medialmente nasalizados [bmb], [dnd], [jɲj] e [gŋg] ocorrem nos seguintes ambientes,

V ——— ($\begin{smallmatrix} w \\ r \\ r \end{smallmatrix}$) V,

isto \bar{e} , entre vogal oral e vogal oral, podendo ter um segmento aproximante intercalado antes da segunda vogal.

Exemplos:

[ɸɪbmbɾɛ]	junto com ela
[hadndya]	tinha feito
[ʔɪjɲjwɛɸɪ]	minha irmã
[ʔɪjɲjɲjɾæŋŋɾitɪ]	o meu irmão
[kajɲjɪr ¹ nãtɪ]	estão brincando
[kagŋga]	dor
[ʔagŋgakɪ]	na terra deles
[mbəŋŋy ¹ ædnɪ]	cresceu

Os segmentos oclusivos pré-nasalizados lênis surdos [m̥], [n̥], [ɲ̥] e [ŋ̥] ocorrem no seguinte ambiente:

\bar{V} — [segmento tenso].

Exemplo:

[nɪm̥ ¹ kēmū]	vai dar
[nɪm̥ɸtɪ ¹ wē]	dava
[krɪŋ̥ ¹ krɪrɪ]	araguaí
[ɸōŋ̥ ¹ kara]	depois da colheita
[ʔɪŋ̥kō ¹ ki]	dentro de casa
[wãŋ̥ɲ̥kēmɪŋgatō]	gato-do-mato
[pɪɲ̥j ¹ kēmū]	vir cortar lenha
[wēɲ̥j ¹ kag ¹ ta]	remédio
[ʔãmãŋ̥ ¹ tɪ]	anda escutando

[ʔæŋg¹pɪn] cortamos lenha

Os segmentos oclusivos lênis surdos [b̥], [d̥], [j̥] e [g̥] ocorrem no ambiente

V ——— [segmento tenso].

Exemplos:

[t̥həɪwəb̥ke¹t̥n̥ɪ] não se espalha
 [mbə¹kəməhəg̥kēm̥ū] vai crescer muito rápido
 [ʔɪn̥g̥pru¹kəra] depois de limpar a casa
 [ndəj̥k̥ēm̥ū] vai cozinhar
 [ʔɪj̥hə] meu amigo
 [ʔəg̥pɪ] elas - negação
 [mbəg̥¹t̥ɪ] cresce

Estando em distribuição complementar todas as realizações de segmentos nasais homorgânicos entre si e também com as das oclusivas surdas lênis homorgânicas, conclui-se que cada conjunto de realizações integra um só fonema. Atribuindo-se a esse fonema a propriedade básica nasal, podemos observar que os segmentos nasais desnasalizam-se parcialmente, quando contíguos a segmento não-nasal. Se seguidos por segmento não-nasal surdo tenso, a fase final desnasalizada fica também surda, quando precedidas por vogal nasal, e o segmento todo fica surdo e desnasalizado quando entre vogal oral e segmento não nasal surdo tenso.

Considerando a alofonia evidenciada pela complementaridade de distribuição dos segmentos mencionados acima e considerando as opo-

sições fonológicas entre os membros de cada classe de modo ou de ponto de articulação, adiante expostas, identificamos os seguintes fonemas consonantais e suas respectivas realizações alofônicas:

/p/ [p] consoante oclusiva não-vozeada tensa bilabial oral.

/t/ [t] consoante oclusiva não-vozeada tensa alveolar oral.

/k/ [k] consoante oclusiva não-vozeada tensa velar oral.

/m/ [m] consoante nasal vozeada lênis bilabial.

[mb] seqüência consonantal nasal-oral vozeada bilabial.

[bm] seqüência consonantal oral-nasal vozeada bilabial.

[bmb]seqüência consonantal oral-nasal-oral vozeada lênis bilabial.

[m̥b] seqüência consonantal nasal-oral não-vozeada lênis bilabial.

[b̥] consoante oclusiva não-vozeada lênis bilabial.

/n/ [n] consoante nasal vozeada alveolar.

[nd] seqüência consonantal nasal-oral vozeada lênis alveolar.

[dn] seqüência consonantal oral-nasal vozeada lênis alveolar.

[dnd]seqüência consonantal oral-nasal-oral vozeada alveolar.

[n̥g] seqüência consonantal nasal-oral não-vozeada lênis alveolar.

[d̥] consoante oclusiva não-vozeada lênis alveolar.

/ɲ/ [ɲ] consoante nasal vozeada palatal.

[ɲj] seqüência consonantal nasal-oral vozeada palatal.

[jɲ] seqüência consonantal oral-nasal vozeada palatal.

[jɲj]seqüência consonantal oral-nasal-oral vozeada palatal.

[ɲ̥j] seqüência consonantal nasal-oral não vozeada lênis palatal.

[j̥] consoante oclusiva não-vozeada lênis palatal.

/ŋ/ [ŋ] consoante nasal vozeada velar.

[ŋg] seqüência consonantal nasal-oral vozeada velar.

[gŋ] seqüência consonantal oral-nasal vozeada velar.

[gŋg] seqüência consonantal oral-nasal-oral vozeada velar.

[ŋ̃g] seqüência consonantal nasal-oral não-vozeada lênis velar.

[g̃] consoante oclusiva não-vozeada lênis velar.

/f/ [f] consoante fricativa bilabial não-vozeada tensa.

/ʃ/ [ʃ] consoante fricativa palato-alveolar não-vozeada tensa.

/h/ [h] consoante fricativa glotal.

/w/ [w] aproximante bilabial vozeada oral.

[w̃] aproximante bilabial vozeada nasal.

[β] consoante fricativa bilabial vozeada.

/y/ [y] aproximante palatal vozeada oral.

[ỹ] aproximante palatal vozeada nasal.

/r/ [r] aproximante alveolar vozeada oral.

[r̃] aproximante alveolar vozeada nasal.

/k/ e /ŋ/

/ka/ -árvore

/ŋa/ terra

/kre/ balaio

/ŋre/ peneira

/kren/ perder

/ŋren/ peneirar

/krẽ/ filhotes

/ŋrẽ/ doce

/krĩ/ cabeça

/ŋrĩ/ coque do cabelo

Segmentos oclusivos em oposição a segmentos fricativos:

/p/ e /f/

/pã/ sair

/fã/ perna

/põŋ/ embrulhar

/fõŋ/ amargar

/pẽ/ roçar

/fẽ/ chorar

/t/ e /ʃ/

/ta/ chuva

/ʃa/ sal

/tĩn/ fazer andar

/ʃĩn/ beijo

/k/ e /ʃ/

/ke/ resto

/ʃe/ atar

/kur/ roupa

/ʃur/ esquentar

/k/ e /h/

/kẽ/ então, daí

/hẽ/ sim, verdade

/ka/ borrachudo

/ha/ agora

Segmentos aproximantes em oposição a segmentos oclusivos:

/w/ e /p/

/wõm/ jogar fora

/põm/ tirar alimento da panela

/wẽ/	ê	/pẽ/	galho
/wir/	dado	/pir/	um
/wĩ/	palavra	/pĩ/	fogo

/r/ e /t/

/ra/	queixo	/ta/	chuva
/rə/	escrita	/tə/	lá
/rõŋ/	entrar	/tõŋ/	novo
/rom/	abrir	/tom/	milho estourando

Segmentos aproximantes em oposição a segmentos fricativos:

/w/ e /ɸ/

/wõn/	taquara	/ɸõn/	encher
/wõŋ/	mexer	/ɸõŋ/	pessoa não-indígena

/y/ e /j/

/yor/	curva	/jor/	ratão do banhado
/yun/	chegar	/jun/	esquentar-se perto do fogo
/yõn/	cantar hinos religio-	/jõn/	pisar
	sos		
/y+/ atrás		/j+/ chocalho	

Segmentos aproximantes:

/w/ e /r/

/wõn/	taquara	/rõn/	amadurecer
/wir/	dado	/rir/	acordado, vivo
/wõŋ/	mexer	/rõŋ/	engolir
/wã/	indicador de sujeito	/rã/	gerente

/y/ e /r/

/yõ/ dente

/rõ/ sol

/yõŋ/ pai

/rõŋ/ engolir

/yə/ mulher (vocativo)

/rẽ/ quente

/w/ e /y/

/wõn/ taquara

/yõn/ rasgar

/wə/ homem vocativo

/yə/ mulher (vocativo)

/wa¹re/ arrumar a cama/ya¹re/ raíz

/wõŋ/ mexer

/yõŋ/ pai

Segmentos nasais

/m/ e /n/

/mĩ/ encontro

/nĩ/ estar sentado

/mĩn/ caminho

/nĩm/ dar

/ma/ carregar

/no/ flecha

/m/ e /ŋ/

/ma/ carregar

/ŋa/ terra

/mro/ tomar banho

/ŋrun/ jaguatirica

/mrũr/ cipõ

/ŋrõŋ/ assar

/n/ e /ŋ/

/no/ flecha

/ŋoy/ água

/nũr/ dormir

/ŋõr/ milho

/nẽn/ mato (substantivo)

/mẽŋ/ cachorro

/n/ e /r/

/nen/ cair

/ner/ cozinhar

/ɪn/ casa

/pɪn/ cortar lenha

/mɔ̃n/ dar à luz

/tɔ̃n/ matar

/n/ e /ɲ/

/pãɲɔn/ montanha

/tɔɲ/ indicador de sujeito

/wãɲ/ mato (substantivo)

/mẽɲ/ cachorro

2.3. Os fonemas

Classes de fonemas consonantais

Os treze fonemas consonantais, determinados acima podem ser classificados assim:

oclusivos: /p/, /t/, /k/

Obstruintes

fricativos: /f/, /j/, /h/

nasais: /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/

Sonorantes

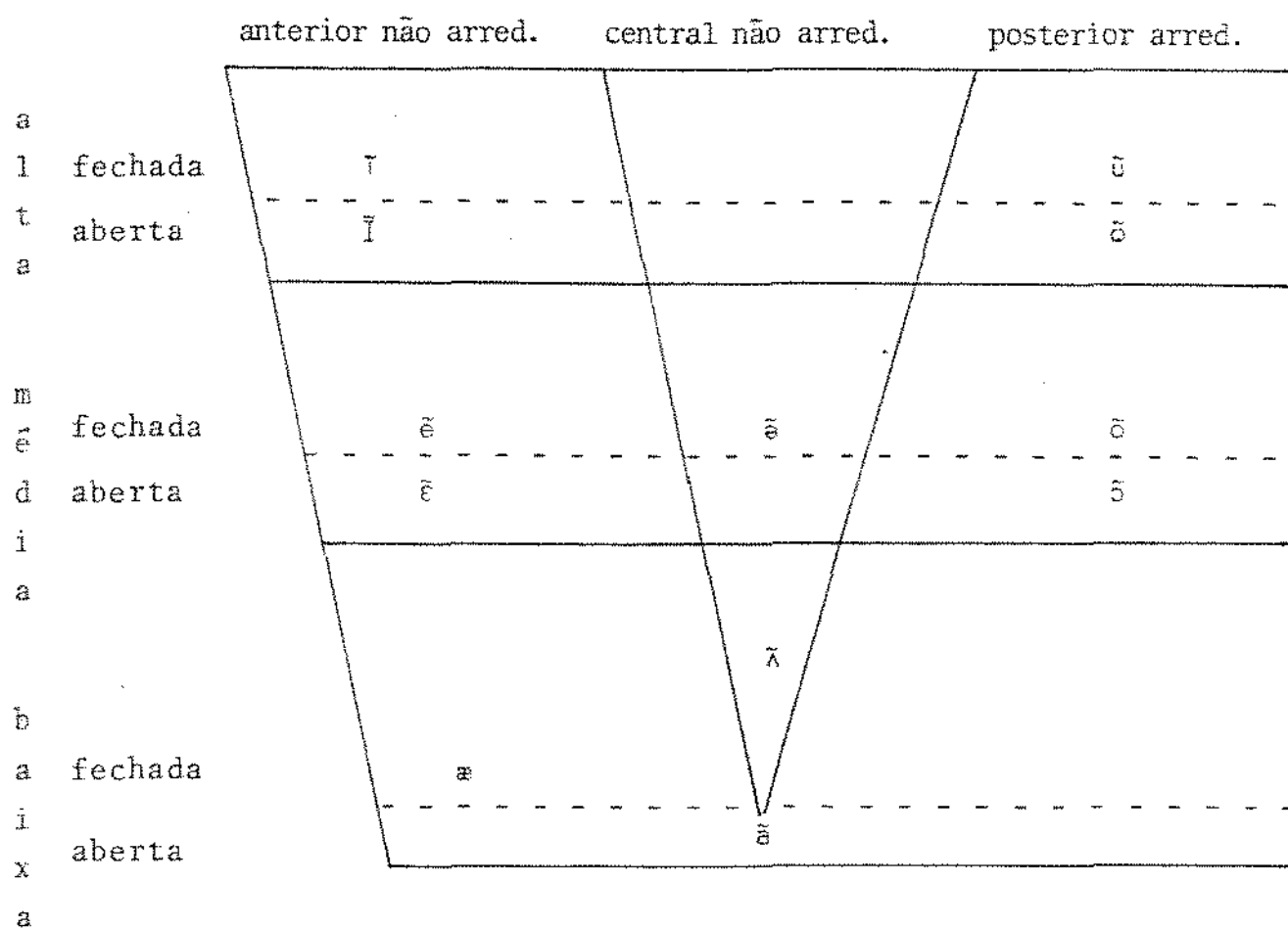
orais: /w/, /r/, /l/

3. Segmentos vocálicos

Orais

		anterior não arred.	central não arred.	posterior arred.
a				
l	fechada	i	ɨ	u
t	aberta	I		ɯ
a				
m	fechada	e	e	o
ẽ	aberta	ɛ		ɔ
d				
i				
a				
b	fechada	æ		
a	aberta		a	
i				
x				
a				

Nasais



3.1. Flutuação

Segmentos fonéticos vocálicos que pertencem a um mesmo fonema por ocorrerem em flutuação:

[ɪ̃] vogal anterior alta fechada não-arredondada nasal e [ĩ̃] vogal anterior alta aberta não-arredondada nasal em sílabas átonas finais:

[mɪ̃ˈtɪ̃tɪ̃] ~ [mĩˈtitĩ̃] anda no mato
 [ˈko:tɪ̃] ~ [ˈko:tĩ̃] comia, come
 /tɔˈdnĩ̃nɪ̃/ ~ [koˈdninĩ̃] estava comendo

[ũ̃] vogal posterior alta fechada arredondada nasal e [õ̃] vogal posterior alta aberta arredondada nasal em sílabas átonas finais:

[ˈkẽmũ̃] ~ [ˈkẽmõ̃] cortar + aspecto

[ẽ̃] vogal anterior média fechada não-arredondada nasal e [ẽ̃̃] nasal anterior média aberta não-arredondada nasal em qualquer ambiente:

[nẽng¹kõmĩ] ~ [nẽng¹kõmĩ] no mato

[nẽ¹nẽ] ~ [nẽ¹nẽ] nenê

[nẽng¹kajɾ] ~ [nẽng¹kajɾ] nome próprio

[o] vogal anterior alta aberta arredondada oral e [o] vogal posterior média fechada arredondada oral, em qualquer ambiente:

[ya¹βo] ~ [ya¹βo] enquanto

[¹kɾodn] ~ [kɾodnía] beber, para beber

[õ] vogal posterior média fechada arredondada nasal, [õ] vogal posterior média aberta arredondada nasal e [ã] vogal central média aberta não arredondada nasal, em qualquer ambiente:

[kaỹõn] ~ [kaỹõn] saber, conhecer

[maỹõn] ~ [maỹõn] cantar

[?õ] ~ [?ã] sua própria

[hõ] ~ [hã] perto

3.2. Distribuição complementar

Segmentos fonéticos vocálicos que pertencem a um mesmo fonema por estarem em distribuição complementar:

[a] vogal oral central baixa aberta não-arredondada e [æ] vogal anterior baixa aberta não-arredondada oral, esta ocorrendo em contigüidade com [y]:

[yædnɪtɪ]

[wæykɪpegmũ] vai tomar banho no rio

[ŋgə] terra

[ʔagŋ] elas

Considerando a alofonia evidenciada pela flutuação e pela complementaridade da distribuição dos segmentos acima examinados e considerando as oposições fonológicas entre os membros de classe de posição (anterior, central e posterior), de altura (altas, médias e baixas) e de ressonância (oral e nasal), adiante expostas, identifi-

camos os seguintes fonemas vocálicos e suas respectivas realizações alofônicas:

- /i/ [i] vogal oral anterior alta fechada não-arredondada
 [I] vogal oral anterior alta aberta não-arredondada
- /e/ [e] vogal oral anterior média fechada não-arredondada
- /ɛ/ [ɛ] vogal oral anterior média aberta não-arredondada
- /ɨ/ [ɨ] vogal oral central alta fechada não-arredondada
- /ə/ [ə] vogal oral central média fechada não-arredondada
- /a/ [a] vogal oral central baixa aberta não-arredondada
 [æ] vogal oral anterior baixa aberta não-arredondada
- /u/ [u] vogal oral posterior alta fechada arredondada
 [o] vogal oral posterior alta aberta arredondada
- /o/ [o] vogal oral posterior média fechada arredondada
- /ɔ/ [ɔ] vogal oral posterior média aberta arredondada
- /ɪ/ [ɪ] vogal nasal anterior alta fechada não-arredondada
 [Ī] vogal nasal anterior alta aberta não-arredondada
- /ɛ̃/ [ɛ̃] vogal nasal anterior média aberta não-arredondada
- /ẽ/ [ẽ] vogal nasal anterior média fechada não-arredondada
- /ũ/ [ũ] vogal nasal posterior alta fechada arredondada
 [õ] vogal nasal posterior alta aberta arredondada
- /ɔ̃/ [õ] vogal nasal posterior média fechada arredondada
 [5] vogal nasal posterior média aberta arredondada
 [ʌ] vogal nasal central baixa fechada não-arredondada

3.3. Segmentos vocálicos que constituem fonemas distintos

Nesta seção, apresentamos aqueles segmentos vocálicos que constituem fonemas distintos por estarem em oposição fonológica.

1) /i/ e /e/

/ʃi/	velho	/ʃe/	quati
/ɸi/	ela	/ɸe/	peito
/win/	dar	/wen/	mostrar
/ki/	em, dentro	/ke/	resto

2) /e/ e /ɛ/

/ɲe/	entra	/ɲɛ/	levar, carregar
/kre/	quadril	/kɾɛ/	toca
/me/	líquido	/mɛ/	carneiro
/ɾe/	grama	/ɾɛ/	deixar atrás

3) /ɨ/ e /ə/

/ɣɨ/	atrás	/ɣə/	mulheres, moças (vocativo)
------	-------	------	----------------------------

/mɨ/	rabo	/mə/	sogra, tia
/ʃɨ/	matraca, chocalho	/ʃə/	preto

4) /ə/ e /a/

/tə/	tā	/tə/	chuva
/təŋ/	pronto	/təŋ/	isto
/ʔəŋ/	pinheiro	/ʔəŋ/	eles, elas
/hə/	bem	/hə/	agora
/ʃə/	preto	/ʃa/	sal

5) /u/ e /o/

/ʔu/	vagina	/ʔo/	pus
/ɣatu/	quieto	/ɣato/	canela
/mɾu/	migalha	/mɾo/	tomar banho
/tu/	carregar	/to/	em direção de

6) /o/ e /ɔ/

/ʔo/	pus	/ʔɔ/	cedo
/ron/	cansar	/rɔn/	fazer cerca
/wo/	barulho de andar no mato	/wɔ/	não

7) /i/ e /ɨ/

/ʔi/	pôr	/ʔɨ/	trançar
/ki/	dentro	/kɨ/	rebentar
/ʃi/	velho	/ʃɨ/	chocalho

8) /ɨ/ e /u/

/ku ¹ tɨ/	noite	/kutu/	surdo
/tɨy/	nascer	/tuy/	duro

9) /e/ e /ə/

/me/ líquido

/mə/ sogra

/re/ grama

/rə/ escritura

/ʃe/ quati

/ʃə/ preto

10) /ə/ e /o/

/ʔər/ casca

/ʔor/ jogado fora

/məŋ/ maior

/moŋ/ crescer

/rən/ escrever

/ron/ cansar

/tə/ lá

/to/ em direção de

11) /ɛ/ e /a/

/yɛr/ estourado

/yar/ rasgado

12) /a/ e /ɔ/

/ʔəŋ/ elas, delas

/ʔɔŋ/ pessoa não-indígena

/ŋan/ enterrar

/ŋɔn/ engolir

/ma/ carregando coisa curta

/mɔ/ vagem

/ra/ queixo

/rɔ/ cerca

/ʃan/ adulto

/ʃɔn/ espinho

13) /ɾ/ e /ɛ̃/

/ŋrɪ/ coque de cabelo

/ŋrɛ̃/ doce

/mɾŋ/ onça

/mɛ̃ŋ/ criação

/tɾ/ andar

/tɛ̃/ voar

/pɾ/ fogo

/pɛ̃/ galho

/rɾr/ acordado

/rɛ̃r/ ponta

14) /ũ/ e /õ/

/mũ/ ir

/mõ/ jaboticaba

- | | | | |
|---------------|------------------|--------|-----------------------|
| /ũ/ | alguém, outro | /õ/ | você, de você |
| /yũ/ | brabo | /yõ/ | dente |
| 15) /ẽ/ e /ã/ | | | |
| /pẽ/ | galho | /pã/ | roçar |
| /pẽn/ | pê | /pãn/ | cobra |
| /rẽŋ/ | pular | /rãŋ/ | esquentar |
| 16) /ã/ e /õ/ | | | |
| /mã/ | para | /mõ/ | jaboticaba |
| /fãŋ/ | varrer | /fõŋ/ | amargar |
| 17) /i/ e /ĩ/ | | | |
| /kri/ | em cima de | /kri/ | cabeça |
| /ji/ | velho | /ji/ | pequeno |
| /tir/ | carrapato | /tiri/ | rolar em cima |
| 18) /e/ e /ẽ/ | | | |
| /en/ | multiplicou-se | /ẽn/ | aquele, aquela |
| /kõme/ | história | /kõmẽ/ | experimentar a comida |
| /me/ | líquido | /mẽ/ | sentir, tocar |
| 19) /e/ e /ẽ/ | | | |
| /ẽmẽ/ | tempo bom | /ẽmẽ/ | escutar |
| /yẽ/ | reza | /yẽ/ | em pé |
| /nẽn/ | coisa | /nẽn/ | mato |
| /ren/ | deixar para trás | /rẽn/ | surrar |
| 20) /u/ e /ũ/ | | | |
| /nup/ | pescoço | /nũp/ | tirar |

/pur/ desaparecido

/pũr/ queimar

21) /o/ e /õ/

/ko/ comer

/kõ/ dentro de

22) /õ/ e /õ/

/põ/ pedra

/põ/ embrulhado

/rõ/ cerca

/rõ/ sol

23) /+/ e /ã/

/fã/ trançar

/fã/ chorar

/mã/ rabo

/mã/ para

/nã/ rir

/nã/ mãe

/rã/ rachar

/rã/ esquentar

24) /e/ e /ẽ/

/fẽ/ pinheiro

/fẽ/ varrer

/pẽ/ tia

/pẽ/ roçar

/rẽ/ sinal

/rẽ/ quente

25) /a/ e /ã/

/fã/ lavar roupa

/fã/ chorar

/kã/ árvore

/kã/ por causa de

/mã/ grande

/mã/ mel

/pã/ sair

/pã/ roçar

/rã/ queijo

/rã/ quente

26) /a/ e /ã/

/kã/ árvore

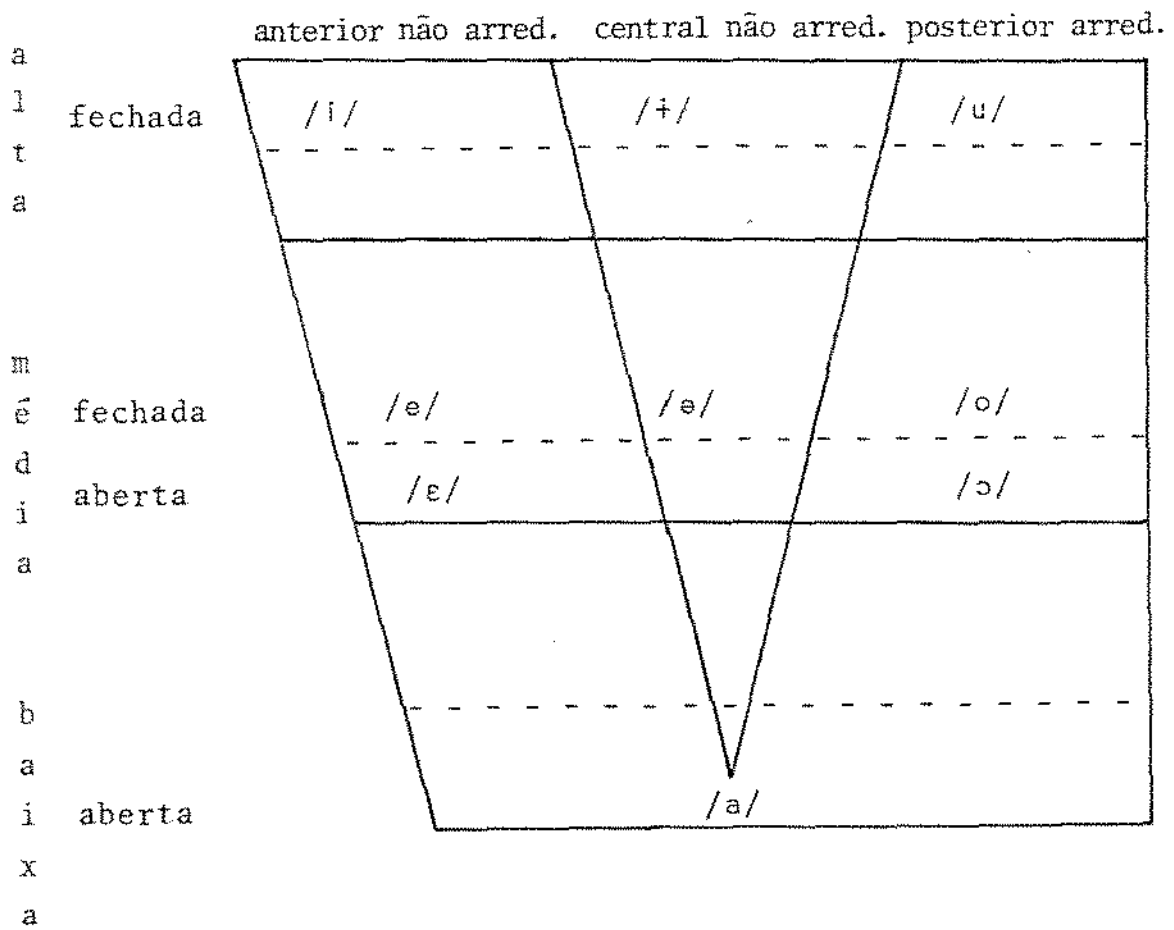
/kã/ dentro de

/rã/ queijo

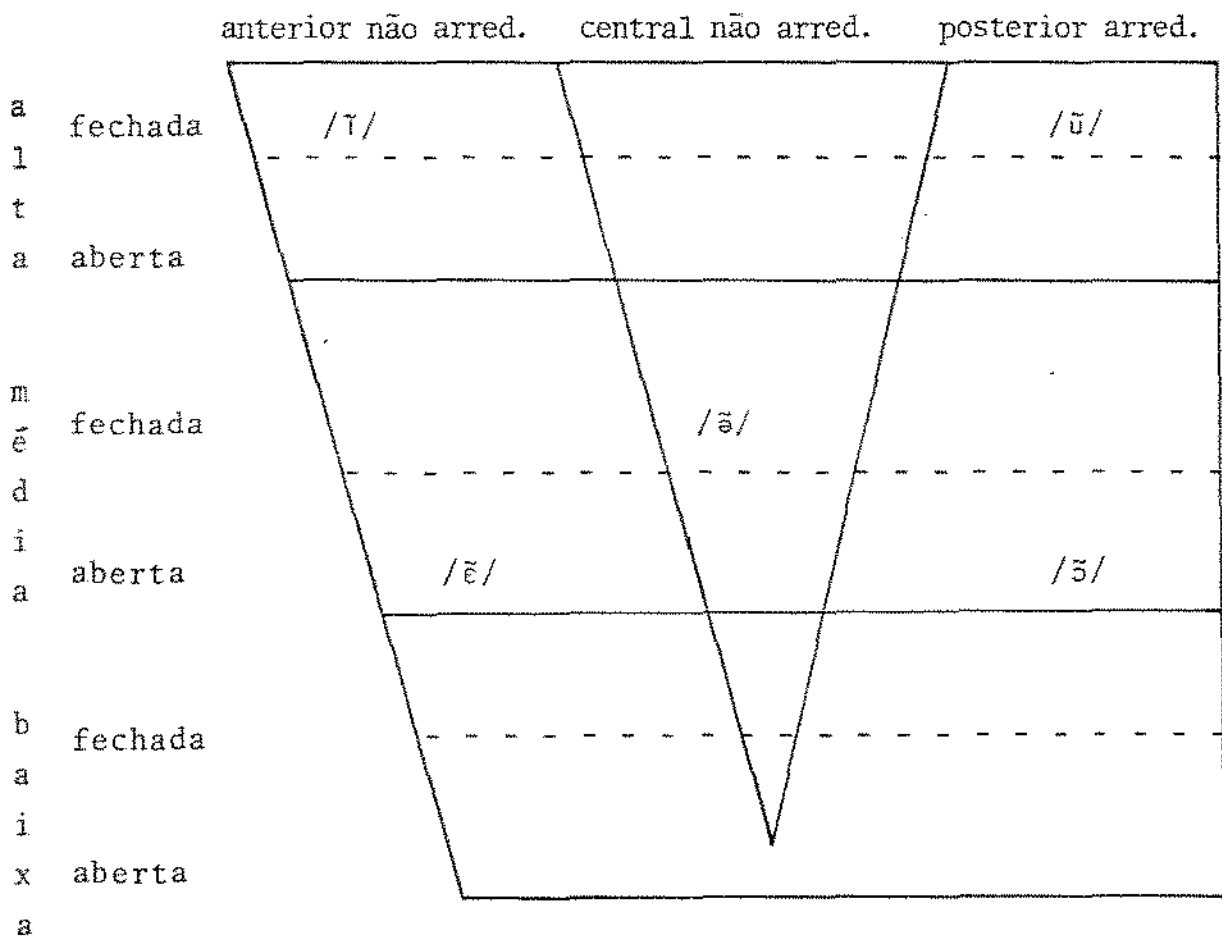
/rã/ sol

3.4. Fonemas vocálicos

Orais



Nasais



4. Situações Especiais

Esta seção trata de três situações especiais, não consideradas no quadro geral de estabelecimento dos fonemas: (a) consoantes longas, (b) vogais eco e (c) oclusiva glotal.

4.1. Consoantes longas

Na língua examinada, constata-se a existência de três segmentos que, a nível fonético, apresentam uma articulação longa. São eles [p:], [t:] e [k:].

Exemplos

/rɔm pi/ → [rɔ ¹ p:i]	não se abre
/rũm pi/ → [rũ ¹ p:i]	não mexe
/ŋato ten tĩ/ → [ŋg ¹ ato tet:tĩ]	mata o gato do mato
/ŋato ten tũ nĩ/ → [ŋg ¹ ato te ¹ t:ũnĩ]	não matou o gato do mato
/pay aŋ ki/ → [pay [?] a:k:i]	ela conhece os meus pais
/ĩn koŋ kũ ye/ → [ĩ [?] k:õk:õke]	está dentro da casa

Observe-se o seguinte: a) os segmentos longos sempre ocorrem onde se encontram dois morfemas, o segundo iniciado por uma oclusiva e o primeiro terminado (em outros contextos) por uma nasal homorgânica da oclusiva; b) quando uma nasal no fim de um morfema se encon-

tra com uma oclusiva heterorgânica no início do morfema seguinte, ela é substituída por uma oclusiva surda lênis (isto é, a nasal se desnasaliza e emudece). Logo, a ocorrência de oclusivas longas, na situação descrita, deve corresponder ao encontro de duas oclusivas homorgânicas, a primeira lênis e a segunda fortis (tensa). Dito de outra forma, a nível fonético, é o resultado do encontro, a nível fonêmico, dos segmentos /m/, /n/ e /ŋ/ com os segmentos /p/, /t/ e /k/ respectivamente. A homorganicidade existente entre elas seria o fator responsável pela fusão e o conseqüente alongamento.

4.2. Vogais eco

Observe-se que, neste dialeto do Kaingãng, todas as sílabas átonas em final de palavra são constituídas por uma aproximante e uma vogal:

[¹ ŋgoyo]	água
[¹ ŋĩĩĩ]	criança
[¹ wowo]	caído no chão

Observe-se, ainda, que a vogal dessa sílaba átona é sempre igual à vogal acentuada da sílaba precedente. Logo, tanto a presença quanto a qualidade da vogal átona são predizíveis: a vogal átona final só ocorre após segmento aproximante e a sua qualidade é a mesma da vogal precedente. Assim sendo, não é necessário incluir na representação fonológica a vogal átona, de modo que se obtêm, para os exemplos acima, as seguintes representações fonológicas: /ŋoy/ água /ŋĩc/ criança e /wow/ caído no chão.

Da situação descrita, decorre que o número de sílabas da representação fonológica é menor do que o número de sílabas da representação fonética: /ŋoy/ é, fonologicamente, uma só sílaba, mas sua realização fonética é dissilábica:

[¹ŋo.yo].

4.3. Oclusiva glotal

Nesta língua, constata-se a inexistência de palavras iniciadas por vogal. Este fato configura uma situação fonológica em que uma das consoantes iniciais é redundante, uma vez que qualquer delas pode ser suprimida sem comprometer a distinção das palavras. A pergunta que cabe é: qual das consoantes poderá ser dispensada da representação fonológica? Os dois argumentos a seguir, favorecem a exclusão da oclusiva glotal.

Todos os segmentos com as propriedades [+consonantal] e [-vozeado] ocorrem exclusivamente em início de sílaba. A fricativa glotal apresenta essa mesma distribuição. A oclusiva glotal, entretanto, além de ocorrer no início, ocorre também em fim de sílaba, tendo assim comportamento distinto dos demais segmentos consonantais não-vozeados.

Acresce a isso que as ocorrências da oclusiva glotal, em fim de sílaba, coincidem, sempre, com o final de enunciados interrogati-

vos e exclamativos. Ex.: /pay aŋ kip/ "ela conhece os meus pais?"

Esses enunciados se distinguem dos enunciados assertivos justamente pela presença da oclusiva glotal, que não ocorre no final desses últimos. Daí se depreende que a oclusiva glotal em fim de enunciado (e, portanto, em fim de sílaba) deve ser interpretada como uma marca de interrogação ou exclamação, isto é, uma marca intonacional.

Como ela tem, em parte de suas ocorrências, um status suprasegmental, convém fazer incidir sobre ela a opção de dispensa de um segmento no início de palavra. Nesse caso, ela passa a ser considerada, nessa posição, como uma característica da fronteira inicial de palavra começada por vogal, sem valor segmental.

O outro argumento em favor da opção pela eliminação da oclusiva glotal do inventário dos fonemas segmentais toma em consideração a situação da fricativa glotal e a simetria do sistema de segmentos assilábicos do Kaingãng. Também a fricativa glotal seria uma candidata alternativa para exclusão do inventário dos fonemas segmentais. Se deixarmos de considerar os dois segmentos glotais, os fonemas consonantais não nasais podem ser vistos como distribuídos em duas ordens principais - anteriores e posteriores - e em duas séries - não contínuos e contínuos:

	anteriores	posteriores
não contínuos	p t	k
contínuos	ɸ ʃ	

Como se vê, há uma lacuna na posição de contínuo posterior. Se a-

crescentássemos a esse inventário a oclusiva glotal, o desequilíbrio, verificado com essa lacuna seria ainda maior:

p t k ?

ϕ ʃ

Ao contrário, se, em vez da oclusiva glotal, incluirmos a fricativa glotal, obteremos um sistema mais simétrico:

p t k

ϕ ʃ h

Assim sendo, os argumentos apresentados fundamentam a exclusão do segmento glotal oclusivo do inventário de segmentos fonológicos consonantais orais.

5. Considerações Finais

Julgamos oportuno, ao encerrar este trabalho, enfatizar alguns pontos que nos parecem capitais quanto à importância da pesquisa na área das línguas indígenas brasileiras.

E começaríamos ressaltando seu valor científico. Segundo Rodrigues (1987), as condições de evolução dessas línguas foi de um quase absoluto isolamento. A consequência desta situação foi o desenvolvimento e/ou a conservação de características, de propriedades que não se encontram em outras línguas do mundo. Aceitando-se tal hipótese, poderíamos, então, ver nas línguas indígenas brasileiras, "sistemas" que, por seus aspectos fonéticos, fonológicos e gramaticais, representam desafios (teóricos) na medida em que possam testar as teorias sobre a natureza das línguas, isto é, os atuais modelos de análise linguística.

Esta testagem evidenciar-se-ia por meio de uma adequação a esses modelos ou por meio de exigências de reformulação das suas pro-

postas analíticas. À espera de estudos descritivistas, estão sistemas lingüísticos que, certamente, contribuirão para revelar fatos ainda não encontrados por meio da análise de outras línguas em outras partes do mundo. Nisto reside, a nosso ver, a importância científica em estudar as línguas indígenas do Brasil. Não realizar este estudo é, ainda segundo o Prof. Aryon Rodrigues, "perder para sempre a oportunidade de observar alguns fenômenos lingüísticos e cognitivos únicos no mundo".

Outra faceta de não menos valor são os resultados práticos provenientes do estudo das áreas lingüísticas indígenas no Brasil. Em outras palavras: aproveitar o conhecimento científico das línguas para o tratamento, de forma prática, de questões ligadas às comunidades indígenas.

Nesta perspectiva, estariam, em primeiro lugar, aspectos relacionados com a educação dos povos indígenas bem como aqueles que dizem respeito a problemas de comunicação. São questões práticas e de grande relevância porque afetam tais comunidades em consequência de mudanças socio-culturais que lhes impõem os contactos com a sociedade nacional.

E por último, mas não menos importante, vale ressaltar que o desenvolvimento das pesquisas em línguas indígenas, no Brasil, haverá de trazer-nos uma visão mais clara e mais ampla do quadro geral do pluralismo lingüístico do nosso país.

Nesta dissertação, procuramos contribuir, modestamente, para o conhecimento científico da língua Kaingãng, mais especificamente de sua variedade dialetal falada em Nonoai, RS. Esta variedade, como

foi indicada anteriormente, pertence ao dialeto Sudoeste dessa língua indígena, uma das mais importantes do Brasil em termos demográficos. (As estimativas mais recentes da Funai calculam em cerca de 16.000 os índios Kaingãng).

Bibliografia

CAVALCANTE, Marita Porto. 1988. Fonologia e morfologia da língua Kaingãng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paranã. Tese de Doutorado. IEL, Dep. de Linguística, UNICAMP.

HYMAN, Larry M. 1975. Phonology: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston.

KINDELL, Glória Elaine. 1981. Guia de análise fonológica. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

_____. 1972. Fonêmica Kaingãng. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

PIKE, Kenneth L. 1947. Phonemics: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: Univ. of Michigan. Press.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. 1987. Justificativa. IN: Programa de Pesquisa Científica das Línguas Brasileiras. CNPq, FINEP.

WIESEMANN, Ursula. 1972. Phonologische und grammatische struktur der
Kaingãng-sprache. Haia: Mouton.

. 1971. Dicionário Kaingãng - Português Português
- Kaingãng. Publicação feita pelo Summer Institute of Linguistics
sob o patrocínio do Departamento de Estudos e Pesquisa da FUNDA-
ÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Brasília.